

HISTÓRIAS DE FIDALGOTES E ALCOVITEIRAS, PASTORES E JUDEUS, MAREANTES
E OUTROS TRATANTES, SEM ESQUECER SUAS MULHERES E AMANTES.

TEXTOS DE APOIO

- A literatura popular -

Se a crítica conhecesse melhor o movimento das classes populares inferiores, ficaria a saber que a resistência extrema que encontram na vida prática as modifica todos os dias.

Marx: "A Sagrada Família",
Oeuvres, t.III, p.311
Mega.



5
146
15

CANÇÃO DO CAMPOLIDE
6^a ed. - 16h30 (Campolide)

CANÇÃO FINAL

Este caderno foi organizado por:

- Helder Costa

e

- Maria do Céu Guerra

Agradecemos à Gabriela Janeca a sua
colaboração.



CRONOLOGIA DA EPOCA

PORTUGAL	ITALIA
1496 D.Manuel decreta a expulsão dos Judeus.	Nasceu Angelo Beolco filho de um médico e professor em Pádua.
1497 Conversão forçada dos Judeus portugueses.	
1498 Vasco da Gama chega à Índia.	Savonarola é queimado em Florença.
1499 Vasco da Gama regressa da Índia	Veneza perde o exclusivo do comércio com o Oriente. Inicia o seu declínio.
1500 Descoberta do Brasil. D.Manuel I decreta que é obrigatório os fidalgos aprenderem a ler e escrever.	Tratado de Granada em que Luis XII e Fernando de Aragão combinam tomar Nápoles.
1502 6 de Junho. Nascimento de D.João III; na festa representa-se na corte "O Monólogo do Vaqueiro" de Gil Vicente. É a sua primeira obra.	
1503 Fome e peste em Portugal	Eleição do Papa Júlio II
1504 Auto de São Martinho.	Conquista de Nápoles e da Sicília por Luis XII.
1505 Tumultos em Évora contra os Judeus. Chegada a Lisboa de 15 navios carregados de especiarias.	
1506 Partida de Tristão da Cunha para a Índia. Peste em Lisboa. Morticínio de Judeus em Lisboa referido por Damião de Góis.	Grande moda dos espectáculos em Veneza. Na corte e nos palácios declama-se em latim e veneziano.
1508 Auto da Alma. Regresso de Tristão da Cunha.	Constituição da liga de Cambrai - Santa Aliança contra Veneza formada pelo Papa Júlio II com Espanha e França. Guerra de Cambrai - os camponeses de Pádua são recrutados para as hostes de Veneza.
1509 Auto da Índia e Auto da Sibila Cassandra.	Miguel Angelo trabalha no tecto da Capela Sixtina.
1510 Auto da Fé.	Copérnico demonstra que a terra gira em volta do sol.
1514 Exortação da Guerra. Embaixada de D.Manuel ao Papa Leão X dirigida por Tristão da Cunha. Primeira edição das "Ordenações Manuelinas".	Alise Cornaro, protector de Ruzante, pede a Veneza o seu reconhecimento como nobre. Não obtendo este favor, a sua pequena corte passa a ser o foco de oposição ao poder de Veneza.

CRONOLOGIA DA ÉPOCA

(continuação)

5-146-15
12678

PORTUGAL	ITALIA
1516 Publicação do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende.	Maquiavel: O Príncipe.
1520	Ruzante faz a sua aparição em Veneza a 13 de Fevereiro com a comédia "A Pastoral" num almoço da corte veneziana. Presente Frederico II de Mantua que o convida para apresentar a mesma comédia na sua corte. Início da sua carreira fora de Pádua.
1521 Morte de D.Manuel. Aclamação de D.João III. Comédia da Rubens - Gil Vicente ensaia o estilo naturalista.	Apresentação do Cardeal Cornaro, parente de Alise Cornaro, em Pádua. Representação de Ruzante da sua 1ª. oração para o Cardeal.
1522 Pranto de Maria Parda. Fome em Portugal.	"Bêtia" de Ruzante.
1523 Auto Pastoril Português.	
1524 Nascimento de Luis de Camões.	Amarecimento do "Alfabeto dos Camponeses". Início das revoltas camponesas na Alemanha.
1525 Juiz da Beira. Peste e fome em Lisboa.	
1526	Ruzante representa perante o Doge de Veneza uma comédia obscena de outro autor pelo que é censurado.
1527 Tragicomédia da Serra da Estrela.	Os três diálogos de Ruzante, a comédia Moscheta e a comédia Fiorina.
1529	Paz de Cambrai.
1531 Estabelecimento oficial por Bula de Clemente VII da Inquisição em Portugal (documento de Barcelos)	
1532 Grande tremor de terra em Lisboa Gil Vicente faz um discurso aos frades de Santarém em que aponta o absurdo do seu fanatismo.	Piovane e Vacaria de Ruzante.
1533 Glenardo entra em Portugal. "Romagem dos Agravados" de Gil Vicente.	
1536 Morte de Gil Vicente. "A Floresta dos Enganos". Introdução da Inquisição em Portugal.	Morte de Erasmo.
1542	Morte de Ruzante.

O RENASCIMENTO

O estudo moderno da natureza - o único que atingiu um desenvolvimento científico, sistemático e completo, ao contrário das intuições gerais dos filósofos da natureza na Antiguidade e das descobertas dos Árabes, extremamente importantes, mas esporádicas e desaparecidas, frequentemente, sem resultados - esse estudo moderno da natureza data, como toda a história moderna, da poderosa época que, nós, alemães, designamos por Reforma, de acordo com a infelicidade nacional que nos atecou nesse tempo, que os franceses chamam Renascimento e os italianos o Cinquecento, embora nenhum desses termos defina completamente a ideia. É a época que começa com a segunda metade do século XV. A realeza, apoiada nos burgueses das cidades, destruiu o poder da nobreza feudal e criou grandes monarquias, baseadas, essencialmente, na nacionalidade. Foi nesse âmbito que se desenvolveram as nações europeias modernas e a sociedade burguesa também moderna. E, enquanto a burguesia e a nobreza se batiam ainda, a guerra dos camponeses, na Alemanha, veio, profeticamente, anunciar as futuras lutas de classes, pondo em cena não só os camponeses revoltados - o que deixara de ser uma novidade - mas também, por detrás deles, os precursores do proletariado moderno, empunhando a bandeira vermelha e reivindicando a comunidade dos bens. Nos manuscritos salvos depois da queda de Bizâncio, nas estátuas antigas desenterradas das ruínas de Roma, o Ocidente descobria, surpreendido, um mundo novo - a antiguidade grega. As suas formas resplandcentes dissipavam os fantasmas da Idade Média. A Itália desabrochava num florescimento artístico imprevisto, que parecia um reflexo da antiguidade clássica e que nunca mais seria atingido. Na Itália, na França, na Alemanha aparecia uma literatura nova, a primeira literatura moderna. A Inglaterra e a Espanha tiveram pouco depois a sua época literária clássica. As barreiras do antigo orbis terrarum foram destruídas. Pela primeira vez, a terra era verdadeiramente descoberta. Estavam criadas as bases para o comércio mundial posterior e para a passagem do artesanato à manufatura que, por sua vez, deveria servir de ponto de partida à grande indústria moderna. A ditadura espiritual da Igreja foi destruída. A maioria dos povos germânicos rejeitou-a directamente, adoptando o protestantismo, enquanto que, entre os povos românicos, um vivo espírito de livre exame, herdado dos Árabes e alimen-

tado pela filosofia grãga novamente descoberta, se enraizava cada vez mais e preparava o materialismo do século XVIII.

Foi o maior abalo progressista que a humanidade conheceu em todos os tempos. Era uma época que tinha necessidade de gigantes e que gerou gigantes, gigantes do pensamento, da paixão e do carácter, gigantes pela sua universalidade e pelo seu saber. Os homens que lançaram os fundamentos do domínio moderno da burguesia eram tudo, excepto burgueses tacanhos. Pelo contrário, o espírito aventureiro do tempo tocou-os mais ou menos a todos com o seu sopro. Dificilmente se encontraria, então, um homem importante que não tivesse feito grandes viagens, que não falasse quatro ou cinco línguas, que não brilhasse em várias especialidades. Leonardo de Vinci foi não só um grande pintor, mas também um matemático, um mecânico e um engenheiro eminente, a quem os ramos mais diversos da física devem importantes descobertas. Albert Durer foi pintor, gravador, escultor, arquitecto e inventou, além disso, um sistema de fortificações que contém já certas ideias retomadas, mais tarde, por Montalembert e pela arte moderna de fortificações na Alemanha. Maquiavel foi homem de Estado, historiador, poeta e, ao mesmo tempo, o primeiro escritor militar digno desse nome nos tempos modernos. Lutero não só limpou as cavalariças de Augias da Igreja, mas também as da língua alemã. Criou a prosa alemã moderna e compôs o texto e a música do hino triunfal que foi a Marselhesa do século XVI. Os heróis dessa época não eram ainda escravos da divisão do trabalho, cujas influências limitativas, unilaterais, se fazem tantas vezes sentir entre os sucessores. Mas o que, por excelência, os caracteriza é o facto de quase todos eles mergulharem no movimento da sua época, participarem na luta prática, tomarem partido e conduzirem o combate, um pela palavra e pela escrita, outro pela espada e, frequentemente, por todas ao mesmo tempo. Daí essa plenitude e força de carácter que os fazem surgir como homens completos. Os sábios de gabinete são excepção. Ou se trata de gente de segunda e terceira ordem, ou de filisteus prudentes que não querem queimar os dedos.

Qual é o interesse de se ler "O Livro do Livro" de Paulo Freire?

A resposta a estas perguntas, para quem pensa de perto, é a de que o livro de Paulo Freire, "O Livro do Livro", é um livro que trata da leitura e da escrita, e que é um livro que trata da leitura e da escrita, e que é um livro que trata da leitura e da escrita.

SÃO TUDO ILUSÕES DA VIDA

TUDO É MISÉRIA DOURADA

Esta obra, de 1900 a 1906, é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire.

- Antônio Aleixo -

Esta obra, de 1900 a 1906, é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire.

Esta obra, de 1900 a 1906, é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire.

Esta obra, de 1900 a 1906, é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire.

Esta obra, de 1900 a 1906, é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire.

Esta obra, de 1900 a 1906, é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire, e é a primeira obra de Paulo Freire.

- Algumas questões prévias -

1. Qual é o interesse de ir "desenterrar" textos do século XVI?

Que capacidade de intervenção social ou política terão textos de há 500 anos sobre a nossa realidade actual?

A resposta a estas dúvidas, toma como ponto de partida a noção essencial de a História da Humanidade não constituir senão um testemunho da luta que desde há séculos se trava entre exploradores e explorados, entre a ciência e o obscurantismo, entre o progresso e a reacção.

Muita coisa mudou de 1500 a 1976. E as mudanças deram-se sempre, de uma forma difícil e violenta, no sentido de o povo ser menos escravizado e de os detentores de riqueza irem perdendo os seus privilégios alcançados à custa da opressão e do crime.

Mas muita coisa continua quase na mesma; enquanto uns trabalham e vivem em condições miseráveis, outros vegetam e engordam num luxo e parasitismo insuportáveis; enquanto a justiça é implacável para quem rouba um bocado de pão para a boca, aparece clemente para quem faz desfalques e negociatas de milhares de contos; enquanto uns não sabem o que é o ócio e o prazer, outros enchafurdam-se no gozo e na corrupção.

É curioso pensar que a seguir ao 25 de Abril não aparecia com carácter de urgência a necessidade de se fazer propaganda e esclarecimento político sobre as questões - entre muitas outras - dos Descobrimentos e do Colonialismo. Porque nessa altura, e até há bem pouco tempo, toda a gente se declarava anti-colonialista e repudiava o seu passado mercenário ao serviço de Salazar e Caetano.

Como algumas coisas mudaram neste belo jardim à beira-mar plantado, e como agora se recomeça a falar dos nossos gloriosos feitos do passado, é bom reavivar as memórias.

Este é um dos objectivos desta colagem de textos.

2. E para que estes objectivos apareçam de uma forma mais receptiva, decidiu-se escolher uma via ligada aos acontecimentos do dia-a-dia.